

Ana Malfacini
(Organizadora)

PROSA & VERSO 2025

Especial 20 anos de fundação

1ª Edição

Volta Redonda – RJ
AVL

2025

2025© Academia Volta-redondense de Letras
2025 © Vários autores

Organização, revisão e apresentação: Ana Malfacini
Diagramação e capa: José Huguenin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Prosa & Verso 2025

Organizadora Ana Malfacini. 1ª ed. – Volta Redonda, RJ: Academia Volta-redondense de Letras, 2025.

ISBN 978-65-985263-2-0

1. Literatura brasileira – Coletâneas I. Malfacini, Ana. II. Série__

25-282482

CDD-B869.8

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.8
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Patrono: Manoel Bandeira
Presidente: Jean Carlos Gomes
Vice-presidente: Débora Corsi
Secretária: Angela Alves Crispim
Tesoureira: Camila Cabral
Diretora Social: Thalita Wutke
Coordenador Editorial: José Huguenin

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Prosa.....	7
Verso.....	41
AVL: 20 anos de história.....	76
Sobre os autores e autoras deste volume.....	86

APRESENTAÇÃO

Em 20 anos de existência, a Academia Volta-Redondense de Letras (AVL) consolidou-se como uma instituição cultural de grande relevância para a cidade de Volta Redonda. Desde sua fundação, em março de 2005, a AVL tem trabalhado para difundir a língua portuguesa e a literatura, valorizar a produção literária regional e incentivar a leitura e a escrita na região Sul-Fluminense. Hoje, somos 60 confrades e congreiras: 40 membros efetivos e 20 membros correspondentes.

Na nossa jornada, construímos uma trajetória marcada por parcerias importantes com o Teatro GACEMSS, o Clube Foto-filatélico e a Biblioteca Municipal Raul de Leoni. Nesse cenário de parcerias, é importante destacar que em 2025 o GACEMSS completa 80 anos e a Biblioteca Raul de Leoni, 70 anos. Esse é, sem dúvidas, um ano de muito júbilo para a cultura de Volta Redonda.

Nossa academia já criou uma biblioteca com acervo de livros publicados por autores locais, realizou concursos literários e exposições, além de ter publicado dezenas de livros. Destacam-se as séries editoriais "Prosa

& Verso", que divulga anualmente textos em prosa e verso de autoria das acadêmicas e acadêmicos, e o projeto "Poesia & Ponto", fruto de parceria entre a AVL e a Secretaria Municipal de Cultura, a qual democratiza o acesso à literatura produzida na cidade.

A AVL também tem buscado ampliar sua atuação, participando das bienais do livro de Volta Redonda, coordenando o Concurso Literário da FLIM (Feira Literária de Mambucaba - Angra dos Reis) e organizando outros eventos culturais importantes. Com a Revista Arigó, uma publicação eletrônica que discute e divulga a produção literária da região, a AVL reafirma seu compromisso com o academicismo, uma vez que a revista também publica resenhas, ensaios e artigos científicos.

Nesses 20 anos de história, a AVL é um exemplo de dedicação e paixão pela literatura e pela cultura. Assim, este livro é um registro importante da nossa trajetória e um testemunho da sua contribuição para a cultura de Volta Redonda. Trata-se de uma curadoria de poemas, contos, crônicas, ensaios e artigos que têm como tema principal os 20 anos de nossa academia.

Enfim, são muitos aniversários lembrados com muitos textos de nossos autores. Que venham muitas mais homenagens à nossa academia, sempre comemoradas com arte, cultura e literatura de qualidade!

Ana Malfacini

PROSA

Um conto para Elvira Vigna

Aline Reis

Um conto para Elvira Vigna, escritora da pena com estilete a cortar e mostrar a realidade crua e feroz dos casamentos desonestos, de palavras que desnudam grosseiramente os cotidianos e os sentimentos. A escrita sem carapuças.

SÓ

Você se foi. Por quê? Por que acha ter o direito de partir, de me deixar, de me abandonar?

Vocês se foram! Estou só, Elvira. Sem o amargor de suas páginas a me fazer companhia, sinto doer mais fundo o cancro que me acomete. Temos isso em comum, nós duas. Com as outras, o abandono dos canalhas nascidos para foder a vida alheia.

Tive um Paulo. Igual àquele de sua história. A diferença é que o filho da puta me traiu até não poder mais. E não podia, porque também me abandonou.

Diferente do teu Paulo, o meu tinha várias. Havia uma predileta e com ela está até hoje. Eles se casaram e têm um filho, momentos que se recusou a me dar. “A gravidez estraga o corpo”, dizia.

Sua mulher é chifruda e sabe disso. “É mais permissiva”, justifica-se. “Permissiva”. Com isso, então, o fardo de ser um cretino torna-se mais leve?

Os abandonos são obscenos, Elvira. E a ausência de sua escrita me obriga a um palimpsesto que não

quero, nunca desejei. Sei que vou morrer. Todas as dores que sinto, decerto me levarão mais cedo que o esperado. Sinta-se parte disso!

Acaso me participou do que sentiu quando soube que...? Não. Trouxe-me

peessoas tão vivas que não pareciam personagens. Fui cúmplice nisso e não estou nem aí pra isso. Gostava de acreditar que eram de carne e osso, porque seus sentimentos eram meus. E você não me participou do teu sofrimento, que era meu; é meu, Elvira.

Estou deitada, como sempre, mas não entendo, ao certo, onde estou. As pessoas se aproximam e me olham com olhos banhados. Não são muitos os que vêm me ver, mas nunca pensei que algum dia alguém viria me visitar. Não entendo exatamente o que está acontecendo. Só quero dizer que você foi minha única companhia por todo esse tempo.

E onde está você que não vem me ver?

Elvira? Elvira??? ...??? Por que está escuro, Elvira? É cheiro de terra? Cheiro de terra! Elvira? Por que acha que tem o direito de me abandonar?

ELVIRA!!

Luiza Pettersen Marconi – uma luz do sol na estrada do tempo

Angela Alves Crispim

Luiza Pettersen Marconi nasceu em Carangola-MG, em 25/01/1926. Casou-se com Irineu Marconi em 1945 e teve um filho, Edson, já falecido. Possui dois netos, Simone e Cícero, e dois bisnetos, Carolina e Pedro.

Reside em Volta Redonda desde 1945 e em 2005, foi agraciada pela Câmara Municipal de nosso Município, com o título de Cidadã Volta-redondense. ^{1, p. 147.}

Participou de vários livros e instituições como: GREBAL – Grêmio Barra-mansense de Letras, GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Academia Barra-mansense de Letras e Academia Volta-redondense de Letras, onde ocupa a cadeira de número 13. ^{1, p. 147; 2, p. 9.}

Em 2014, recebeu o título de Honra ao Mérito, da Academia de Arte, Ciência e Letras do Estado do Rio de Janeiro e foi destaque na Revista Brasília de Comunicação, em 1997 e 1998. ^{1, p. 147; 2, p. 9.}

Dos seus livros publicados, alguns nos remetem, através de seus títulos, à promessa de uma viagem pelo tempo e memórias da poetisa, levando-nos a visualizar o encontro de uma efervescente imaginação, registrada em palavras tecidas pelo aprendizado da vida.

Luiza Pettersen, através do pensamento “*a convicção de sermos amados é o farol que ilumina a nossa vida*” ^{3, p. 43}, demonstra toda a sua crença no amor e faz dessa confiança um hino à poesia, que transparece no poema *AMOR LIMITADO*, em seu verso:

“*Graças ao milagre da imaginação,*

*em busca do frescor criativo,
fluindo sobre a folha de papel
as dúvidas existenciais
de uma alma em conflito.”*^{3, p.}

77.

No seu livro “TEMPO DE UMA VIDA”, o poema *MUITO ALÉM* retrata uma visão introspectiva, a que todos nós estamos predispostos, ao dizer:

*“Não é fácil
transpor as barreiras,
perceber que, além de entender,
há que aprender a ler
além das palavras.”*^{1, p. 40.}

Este trabalho teve como objetivo principal rever alguns dos poemas escritos pela autora; visualizar parte de seus sonhos e inspirações tão vivamente reveladas através da poesia; entender e valorizar todo o potencial que nos legou, esta grande poetisa e mulher da arte de escrever.

Para entendermos uma parte da trajetória poética de Luiza Pettersen, não podemos deixar de mencionar a sua participação em coletâneas do Grêmio Literário de Autores Novos, em especial na XIV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN, de 1998, com o poema *MUNDO LIBERTO*, no qual a sua alegria de viver, de criar e imaginar é bem representada no verso:

*“Quero ser um PÁSSARO
e viajar pelo céu longínquo
onde tudo é alcançado
e nada é incompreensível”*^{4, p. 77.}

Em 1999, na XV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN, em seu poema *POBRE CORAÇÃO*, revela a amplidão de nossos anseios, ao dizer em um de seus versos:

*“Rejeitando a realidade
de uma sociedade globalizada.
Os caminhos interrompidos...
As portas fechadas,
neste quadro da vida.”* 5, p. 48.

Na XVI Coletânea de Contos e Poesia do GLAN, de 2000, em comemoração ao Jubileu de Prata da entidade, participou com o poema *JANELA DO SOL*, nele revela as suas buscas no verso:

*“No desassossego do SER,
sou uma ave migradora
em busca do conhecer.
Rompendo os nevoeiros
dos primeiros voos do
amanhecer.”* 6, p. 58.

Em 2000, no seu livro *PEREGRINAÇÃO DA MEMÓRIA – Poemas*, exalta no poema à *MÃE NATUREZA*, uma grande verdade para a existência da vida, em seu verso:

*“Florescer de uma árvore
é o pulmão do nosso ser.
Compartilhamos do mesmo sol,
do mesmo ar para viver.”* 3, p. 59.

A imensa paixão pela vida que a envolve, pode ser evidenciada no livro *SER SEDENTO DE SER – Poesias*, de 2007. Em *DANÇA DA EXISTÊNCIA*, revela em seu verso:

*“No passo a passo
Dos meus sentimentos,
Alimento minhas paixões
Com sonhos vou levando,
Na esperança de continuar
Mantendo as ilusões.”* ², p. 47.

Em ANJO DA GOIABEIRA, de 2010, no poema *TRAÍDA*, faz uma reflexão sobre uma realidade universal, ao alertar no verso:

*“Em quem confiar
com tanta dissimulação
mascarando os sentimentos
nos impulsos de ambição,
passando por cima
sem amor, sem gratidão.”* ⁷, p. 29.

Mais adiante se refaz, no poema *ESPELHO DO INFINITO*, ao mencionar

*“Quero sonhar
com espaço do meu jardim
de um mundo imaginado,
as flores a cultivar.
O perfume a se espalhar,
no colorido do arco-íris
de um céu a ser criado.”* ⁷, p. 102.

A sensibilidade da Luiza Pettersen, mais uma vez se mostra no livro *JANELAS DESCERRADAS*, de 2015, em seus vários poemas. Destaca-se uma verdade em *O POETA*, quando menciona:

*“Há poetas que atravessam o infinito
através da linguagem.
É a trama onde a vida é tecida.*

*Escreve, como se pintando um quadro,
com as flores / para enfeitar o mundo.*

*Sem deixar de apontar as mazelas
que afloram nos lagos, nos
rios,
onde a vida se escoa.”* ⁸, p. 56,

Nele também nos brinda em *É O AMOR*, exaltando o sentimento no verso:

*“O amor
é a partícula de luz
para todos os momentos.
É o sol secando as lágrimas
derramadas em um voo
que passa pelo tormento.”* ⁸, p. 77.

Utilizando de suas próprias conjecturas em “um desfile de memórias”, o livro *TEMPO DE UMA VIDA*, de 2016, expõe no poema *COERÊNCIA*, uma grande verdade quanto aos poetas, ao revelar que no

*“Escrever, sou coerente
com meus discernimentos da realidade.
Não escrevo para surpreender
os valores literários.
Uma maneira de despertar...
para revelar e unir.”* ¹, p. 66.

Em 2017, lançou o livro *ESTRADA DA MEMÓRIA*. Luiza Pettersen, em *SONHOS QUE NÃO SONHEI*, mostra parte de sua alma romântica ao mencionar ter

*“Uma vida de surpresas,
de sonhos que não sabia,*

*vivenciei.
O que não sonhei
o futuro aguardava:
um céu de estrelas,
num viver de muitas vidas,
os dias encontrei.”* 9, p. 40.

A sua preocupação com o tempo e como reagir às situações adversas, pode ser observada em REPENSAR, neste poema

*“A vassoura do tempo a
espalhar
a poeira do ouro do repensar.
É hora de mudar e de recomeçar.
Tocados de coragem
de fazer o bem e espantar o mal
das mentiras mais expostas
confunde a realidade.”* 9, p. 43.

Em A BELEZA DO SER, define as mudanças na vida quando afirma que somos

*“Vítimas da passagem do
tempo,
esgotando as possibilidades criadoras
de almas inquietas e sonhadoras,
na dramaticidade de viver
em um mundo de cobranças.”* 9, p. 90.

NAS NUVENS DO TEMPO, de 2019, no poema POR QUÊ?, podemos apreciar Luiza Petterson, a se questionar no verso:

*“Sem saber por quê,
passo por
essa existência,*

*desembarco em vários portos
onde aporta a saudade
dos viajantes, nos embarques,
renovando em cada etapa
o bilhete da validade.”* ¹⁰, p. 5.

No poema o *PODER DO TEMPO*, pede mais tempo, mais espaço, tentando negociar para poder ainda sonhar, mas afirma que

*“O relógio do tempo...
momentos que não voltam
na contagem das horas.
A corda que se solta,
ficando na história.”* ¹⁰, p. 51.

E no *ENCONTRO DE SI MESMA*, nos revela ter

*“Nas viagens de uma alma,
ao encontro de si mesma,
recolhendo pelas vielas
os pedacinhos da infância
conflitante se revela
virando páginas de uma
história
em versos e prosas.”* ¹⁰, p. 79.

Através dos poucos versos escolhidos para representar toda a obra literária da poetisa, fica clara a sua importância e influência na literatura de nossa cidade, quando observamos a qualidade dos trabalhos registrados em seus livros, destaca-se uma imaginação fértil e elegante ao expor parte de si mesma em seus poemas.

Com essa pequena amostragem do seu universo, tivemos a oportunidade de constatar a sua real importância e o seu grande valor para a nossa literatura.

A partir dos versos escolhidos tivemos a oportunidade de conhecer os sonhos, lutas e fontes de inspiração que a levaram a fazer da arte de escrever uma janela para se adentrar na alma sensível e observadora de uma grande poeta.

Seu legado intelectual jamais poderá ser negado ou esquecido, porque fez e faz parte de nossa existência, tornando-se fundamental reconhecer o valor dos poemas e versos apresentados em seus diversos livros e participações em coletâneas.

Luíza Pettersen será sempre uma grande poetisa e uma grande mulher na arte de escrever e desvendar sentimentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Jean Carlos Gomes por ter cedido os livros necessários para complementar a pesquisa sobre a grande trajetória literária da poetisa e Acadêmica Luíza Pettersen Marconi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹MARCONI, Luiza Pettersen, **O Tempo de uma Vida**. Nova Gráfica Editora, 2016, p. 40, 66, 147.

²MARCONI, Luiza Pettersen, **Ser Sento de Ser**. Nova Gráfica Editora, 2007, p. 9, 47.

³MARCONI, Luiza Pettersen, **Peregrinação da Memória**, Poemas. Gráfica Gazetilha, 2000, p. 43, 59.

- ⁴MARCONI, Luiza Pettersen, **Mundo Liberto**, XIV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Gráfica Guapi Ltda, 1998, p. 77.
- ⁵MARCONI, Luiza Pettersen, **Pobre Coração**, XV Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Gráfica Guapi Ltda, 1999, p. 48.
- ⁶MARCONI, Luiza Pettersen, **Janela do Sol**, XVI Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Gráfica Gazetilha, 2000, p. 58.
- ⁷MARCONI, Luiza Pettersen, **Anjo da Goiabeira**. Nova Gráfica Editora, 2010, p. 29, 102.
- ⁸MARCONI, Luiza Pettersen, **Janelas Descerradas**. Nova Gráfica Editora, 2015, p. 56, 77.
- ⁹MARCONI, Luiza Pettersen, **Estrada da Memória**. Nova Gráfica Editora, 2017, p. 40, 43, 90.
- ¹⁰MARCONI, Luiza Pettersen, **Nas Nuvens do Tempo**. Gráfica Drumond, 2019, p. 5, 51, 79.

Na curva onde as letras florescem

Camila Cabral

Na curva do Paraíba, onde o rio se curva em silêncios e as letras florescem sem pressa, nasceu um sonho. Não um sonho de noites vazias, mas aquele tecido com as mãos de quem ama as palavras, que se embriaga delas como se fossem vinho, como se fossem eternas. A Academia Volta-redondense de Letras não se erguia como uma simples construção de pedras e argamassa, mas como um abrigo para as ideias, como um templo de vozes que fazem da língua portuguesa seu pacto com o infinito.

Em janeiro de 2005, no calor das mentes inquietas, intelectuais, escritores e artistas se encontraram, como estrelas que, após anos de solidão no céu, finalmente se reconhecem em constelação. Unidos por um único desejo: preservar a cultura de sua terra, ao mesmo tempo, projetavam a literatura local no grande espelho do Brasil.

Em março, a ata foi lavrada e, mais do que um simples registro, ali nascia uma ideia palpável, viva. As palavras fundavam mundos e, com elas, a voz de Volta Redonda se alçava, forte como o próprio rio que corta a cidade.

A cerimônia de posse dos primeiros imortais foi marcada por um instante raro, onde a emoção tomava forma. Felip Fagundes, com sua voz carregada de

sentimento, deu corpo e alma a Manuel Bandeira, o patrono escolhido, cujas palavras ainda rondam os corredores da AVL, como ecos que nunca se apagam, que não se perdem com o tempo.

Como toda alma precisa de uma imagem que a simbolize, foi Afrânio Moutinho quem a desenhou: um livro aberto, a curva do rio, um ramo de café, um ramo de louros. Saber, território, trabalho e glória entrelaçados, todos eles em um símbolo que permanece vivo, imortal.

A AVL não é apenas uma casa, uma instituição; é um ponto de encontro entre o passado, o presente e o futuro. Ali, escritores se unem para manter acesa a centelha da criação. Ali, as sementes de amanhã encontram solo fértil, e com o tempo, a Academia Juvenil cresce, encontrando seu espaço à sombra dessa árvore que já é frondosa.

Cada cadeira da AVL é ocupada por um guardião da palavra, com a missão de honrar a língua, proteger a memória e fazer da literatura um ato contínuo de resistência e beleza. Cada livro doado é um gesto de amor. Cada evento é uma explosão de vida. Cada verso escrito, uma nova fundação para o espírito da criação.

E assim, ano após ano, a Academia ergue sua voz como um hino suave e sereno na noite fluminense, reafirmando em cada gesto, em cada palavra, que a arte não morre enquanto houver quem a celebre.

Volta Redonda, afinal, é feita de aço. Mas também de sonhos, de poesia e de letras que não enferrujam nunca.

Manhã de inverno

Edmilson Naves

(membro correspondente)

Ele acordou às cinco da manhã e enrolou por dez minutos na cama, levantou-se devagar. Foi ao banheiro, lavou o rosto com água fria naquela manhã de inverno de trinta de junho, retornou ao quarto e sem fazer barulho trocou de roupa procurando não acordar Eva, pois a mulher havia acordado no meio da noite para amamentar o pequeno Edgar, caçula dos três filhos.

Trocado de roupa foi à cozinha esquentar o leite, o café estava na garrafa térmica, a mulher havia feito após o jantar.

Enquanto o leite esquentava foi até a estante da sala e pegou as contas de água e de luz para pagar na hora do almoço numa lotérica perto do trabalho. Era pedreiro e já estava a quatro anos na empreiteira, hora trabalhava perto de casa hora longe, voltou à cozinha rapidamente e desligou o fogo antes que o leite pudesse subir e sujar o fogão outra vez como acontecia sempre.

Sentou à mesa e passou margarina com gosto nos dois lados do pão francês dormido, ao mesmo tempo preparou mais um pão e enrolou num saquinho plástico, seria para o lanche da manhã, afinal o desgaste era grande. Comeu o pão e tomou café com leite meio trêmulo de frio, afinal era uma manhã fria de inverno. Terminado o café arrumou a mochila, foi na área dos fundos da casa e tirou a bicicleta do quartinho de

bagunça e a levou para frente da casa. Voltou para a cozinha, fechou a porta e foi para o quarto, beijou o pequeno Edgar e também Eva, ela sonolenta deu um bom dia e voltou a dormir. No outro quarto beijou os dois meninos e ajustou o cobertor sobre eles, fechou a porta da sala e em seguida o portão.

Ajeitou a mochila nas costas e saiu pedalando a bicicleta pela rua de terra, dobrando a esquina seriam dez minutos até a BR onde pedalaria cerca de mais vinte minutos até a entrada do parque industrial onde estava prestando serviço. Pedalou um pouco forte na subida, entrou no asfalto liso e novo, seguiu pelo canto, lado a lado com a faixa branca da pista e devido à neblina só se via uma nuvem branca à frente. Os veículos passavam na velocidade máxima, dois minutos mais tarde Antônio não pôde perceber uma luz forte e em seguida foi arremessado a mais de oito metros de distância. Polícia, ambulância e curiosos se aglomeravam, o sol já estava nascendo e duas horas depois Eva chegava desesperada com os três filhos e reconhecia o corpo estendido no asfalto. Antônio morreu em trinta de junho numa manhã fria de inverno.

Texto sem título

Flávia Souza Lima

Eu nem lembrei de Copacabana e seus humores vários.

(PATRAL

PAPATRA

PAPA

TRATRAAALLLLL PAPAAPAPAPA PAPAPATRA

TRATRAAALLTRAALL

TRATRAPTRAPATRAPAPA TRA POWPOWPOW

FIIIIILL

FIIL

FIIIIIIIL

FIIIIILL

FIILL

POW POW POW POW

PUUUUPUUUUPUUUU

PAPAPAPAPOWPOWPOW TRATRATRAPAPOWPOW

PULPULPULPUL

POWPOW

FIIILLFILLFILL

POW PULPUL

VRAAAAALLLLL

POW PAPA FIL PULPOW

Ssssssss

...

...

...

)

Mentira. Lembrei por quase dois degraus. E só. Eu suspirava, respirava, expirava, inspirava, pirava, sei lá. O coração batia fora do peito no melhor descompasso do

mundo. E bem me lembro que o seu também. A verdade é que na verdade tanto eu quanto a verdade ofegávamos naquela ocasião tão inesperada esperada em que jantaríamos razoavelmente cedo para uma noite dessas. Tínhamos cruzado uma parte da cidade de carro e estacionamos longe, beirando um atraso sério até chegarmos. Melhor assim, porque andaríamos mais tempo num abraço enlaçado até chegar no restaurante, soltando fumaça pela boca junto com algumas palavras engraçadas ou gentis que quinze ou vinte anos antes quando só existiam os telefones fixos, as fotografias, as cartas e os faxes eu sequer pronunciaria mesmo em pensamento com o pensamento em você. Você. Que chegou com alguém que já não lembro numa noite gelada, mas quinze ou vinte anos antes, parecida com essa de agora em que no topo de uma ladeira brilhava o letreiro antigo em neon amarelo do restaurante Dois Moinhos. Café de 2 Moulins, para ser mais precisa, que naquela altura não era famoso nem nada, porque Amélie Poulin jamais havia entrado ali. O destino seria fabuloso, se não. Sempre achei curioso ter moinhos nas colinas, porque precisamos subir muito até lá para moer o que for mas é assim desde o século 17, dizem. Talvez no alto vente um pouco mais e olha que não estamos falando da brisa do Nordeste, Anarina, mas do inverno de Paris, onde o vento não faz curva e é mais insistente que a tristeza que corta os dias em pedaços irreparáveis desde que eu não poderei nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais nunca mais beijar você como naquela noite. Era um café, uma brasserie, um restaurante, um qualquer lugar perto daquele outro famoso moinho vermelho do boulevard principal do bairro, mas hoje de vermelho só tem mesmo o meu coração, moendo, doendo, remoendo, roendo e digo vermelho porque sangue azul nunca tive, azul tem mais a ver com

seus olhos e com o céu daqueles dias. Mas era a tal noite, e que noite!, e finalmente chegamos à nossa mesa onde já nos esperavam duas taças para logo chegar uma bela garrafa que terminamos até razoavelmente devagar porque falávamos muito e contávamos coisas supostamente incontáveis como estrelas, fogos, amores e os degraus de Montmartre e tudo era muito sentido fazia muito sentido até mesmo que a *patronne* fosse simpática, o que é pouco comum nessa cidade atordoantemente bonita e cheia de recortes inesperados como as palavras que você sacava sem nenhum esforço e os bilhetes que me deixava dentro do mapa e eu às vezes demorava dias para encontrar porque raramente abria o mapa e raramente me perdia mas me perdi mesmo e sei que é pra sempre naquele fim de manhã, tempos depois, quando soube de tudo. Mas isso especificamente não era o que eu queria lembrar agora mas isso é o que eu nunca esqueço, você é o que eu nunca esqueço e olha que você nunca ouviu Roberto Carlos para saber que detalhes tão pequenos são coisas muito grande pra esquecer, o que de fato não faz a menor diferença agora porque a vida é ela própria um imponderável apagador. Naquela altura já era o primeiro dia do ano, daquele ano que eu já nem lembro mais qual foi embora ele não se desmanche nunca, embora ele nunca tenha derretido como derreteu a neve que caiu na manhã depois daquela madrugada da qual deveria ter nascido o primeiro dia do resto de nossas vidas sem fronteiras, sem passaportes, sem amores dos presentes ou futuros. As promessas eram os fogos sem artifícios daquela noite que zeraria tudo, que passaria tudo a limpo mas meses depois quando eu sonhei com você, você não atendia o telefone e eu não podia cruzar o Atlântico eu não podia voar 12 horas eu não podia eu queria eu não podia eu não sabia e quando eu soube não deu tempo.

Jogo de Tabuleiro

Guilherme Tadeu

Uma das sensações mais sutis que a vida pode nos brindar é fazer embarcar, limitadamente, no tempo do passado a fim de revivermos com entusiasmos situações gostosas que outrora criamos. É curioso pensar, na verdade, que essas sensações da vida vêm tão espontaneamente como também foram criadas. Recentemente, tive a oportunidade de jogar, depois de longo tempo, um jogo de tabuleiro com amigos meus. A proposta foi extremamente inusitada, sem saber, o amigo que propôs, o fez com a intenção de comemorarmos seu aniversário próximo (que, admito, fiquei extremamente envergonhado por não saber que se aproximava), eu estava receoso de aceitar o convite, pois tinha ainda que voltar para casa e arrumá-la, fazer faxina (e todas as coisas que um adulto faz) e a volta é de uma caminhada extremamente longa - aceitei. Findada a arte marcial que praticávamos juntos, ajeitamos a mesa metálica, colocamos ao seu redor quatro cadeiras de material homônimo e ele nos interrogou (eu e mais três amigos) se sabíamos jogar o que ele nos propunha, comentamos que desconhecíamos o mesmo, em breve explicação estabeleceu as regras e finalmente dispomos-nos a jogar. O jogo consistia em perguntas e respostas em que, a cada pergunta direcionada sobre algum tema em específico, você aposta uma quantidade de fichas antes de respondê-la, caso a resposta esteja correta, você avança o número de casas apostadas ou fica parado até a próxima rodada. Ainda tem outro fator, caso você acerte

as perguntas e tenha esquecido de apostar as fichas você também permanece parado na posição em que se encontrava.

Ao iniciarmos a primeira partida, em que podíamos escolher um tema dentre os cinco ou seis disponíveis, avançávamos conforme apostávamos e respondêssemos corretamente as perguntas, nas próximas rodadas, caso tivéssemos avançado, nossas novas posições já traziam consigo os respectivos temas, o que nos cessava a liberdade da escolha deles nestas ocasiões. Portanto, em termos de aposta você podia escolher o número certo de fichas que te ajudariam a evitar de cair em uma casa de algum tema que você não dominasse tanto (eu o tempo todo contava evitando que caísse qualquer pergunta sobre esportes, não que eu domine os outros temas ou não goste de esportes, pelo contrário, amo esportes como quem pratica, mas não necessariamente como quem acompanha). Enquanto jogávamos tive uma sensação de infância, porém era diferente das que eu me lembrava, não sei se a saudade vem misturada com a imaginação, mas traz um gosto especial pelo menos nesse caso.

O jogo seguiu entre brincadeiras, risadas, comentários, perguntas bem específicas e outras bem fáceis, que fizeram os quatro concordarem com os diferentes níveis que essas questões estavam distribuídas. Eu olhava para aquelas pessoas e sentia uma sensação de “”lar””, como se por um breve instante eu estivesse novamente com 7 ou 8 anos e tudo fosse tão simples quanto reunir com meus amigos novamente para jogar o jogo que eu quisesse ou me preocupar apenas com qual brinquedo ou qual brincadeira que escolheríamos em sequência. Talvez um fato que tenha

reforçado esse sentimento seja da mãe de dois amigos (são irmãos, inclusive) ter ido buscá-los e a brincadeira ter acabado para eles, só ficando o amigo a aniversariar e eu. O jogo já estava próximo do fim e terminou comigo vencendo (respondendo por fim uma pergunta de esportes, inclusive), arrumamos as mesas e cadeiras, ajeitamos o espaço e voltei andando para casa, na longa estrada que eu teria ainda de percorrer.

Caminhos longos são extremamente ambíguos, são o céu para os reflexivos, mas inferno para os apressados. Felizmente, nesse contexto eu fiz parte da primeira turma. Enquanto andava pus-me a divagar, fiquei com uma sensação estranha (desculpa, essa é a única palavra que consigo encontrar, sei que ela é cheia de significados, mas a situação também o é para mim) não fiquei feliz por ter ganhado, não como ficava quando era criança. É engraçado ... não sei se a nossa percepção muda com o tempo ou se é o próprio tempo que muda nossa percepção, sei que enxerguei de maneira tão diferente aquilo tudo e, em milésimos, eu recordei como era jogar jogo de tabuleiro quando criança, quando jogávamos ou em dias frios e chuvosos ou em dias que estávamos cansados de jogar videogames e com preguiça de bolar algo novo; quando éramos adolescentes os jogos de tabuleiro suprimiam o ócio ou eram acompanhados de empolgantes debates sobre baladas, festas ou nossos romances (frustrados ou não), porém quando adultos o jogo de tabuleiro representa muito mais. A pergunta é: quanto tempo é necessário ficarmos sem jogar para nos motivarmos a jogarmos novamente? E a resposta eu, infelizmente (ou felizmente) não sei. Reconheço que o jogo uniu, descontraiu, permitiu ainda mais nos aproximarmos e reconhecermos uns nos outros, os outros dos outros e os outros de nós. Dessa vez, foi

esquisito, no melhor sentido (esquisito não tem bom ou mal sentido, eu sei, esquisito não tem sentido por isso é o que é - esquisito), porque não tive vontade de ganhar (sou uma pessoa competitiva em termos de conhecimento, reconheço isso), pelo contrário queria que não acabasse. Mas, acabei ganhando, porém só depois percebi que ganhei muito mais do que simplesmente a partida, todos nós que jogamos ganhamos, na verdade, ganhamos talvez a percepção de como vale a pena voltar um pouco para seguir além. Crescer nunca foi esquecer, mas pelo visto a gente teima em parecer que quer, embora no fundo haja sempre uma criança esperando (im)paciente dentro de nós pela próxima partida. Não sei quando será a próxima, espero que não tão breve (a fim de que a criança não enjoje e o adulto reclame de falta de tempo), mas também espero que não demore muito (não sei quantas eternidades o adulto aguenta sem a criança para lhe lembrar). Talvez a única coisa que reste seja isso: esperar pela próxima aleatoriedade que a vida trará. Podemos marcar o momento do próximo jogo, é verdade, isso não impede que haja diversão, mas ainda assim, nenhum momento combinado será tão prazeroso quanto o aleatório, é como a diferença entre escutar a música que você gosta entrando em um aplicativo e a procurando e escutando ela no aleatório da rádio ou em qualquer outro lugar que você não tenha feito a escolha, ao acaso é sempre melhor. Essencialmente, talvez a vida seja isso: esperar pela aleatoriedade, se animar quando ela aparece, apreciar os detalhes, saborear o gosto que ela traz e agradecer a sua visita, se assim o é, que seja então. Que apostemos as fichas e até joguemos os dados, mas não recusemos os jogos de tabuleiros.

No futebol, perna-de-pau, é quem só vê a bola

Leonor Vieira-Motta

Em dia de clássico, o torcedor vê os jogadores repetirem no estádio lotado, o que ele faz durante a semana toda, em escala 6 por 1. Se quiser saltar do ônibus, no ponto perto de casa, para marcar o seu gol de placa do dia, que é abraçar os filhos antes que durmam, precisa driblar a zaga plantada no corredor, no estilo dos maiores craques rubro-negros: Zizinho, Zico, Petkovic e Gabigol.

Para os amantes do futebol, as jogadas perfeitas e os gols magistrais nem precisam de replay. A memória jogando nas 11 posições trata de eternizar os momentos mais decisivos: os pênaltis, os perdidos e os defendidos heroicamente pelo goleiro ou aquele desempate sofrido aos 44 minutos do segundo tempo.

Os apaixonados por futebol, conscientes de que este esporte transcende as limitações da maioria da população brasileira, respeitosamente se valem da sabedoria de João Saldanha, para quem “No Brasil, um país predominantemente pobre, o futebol é um ramo da arte popular. Para o futebol, basta uma bola. O menino descalço pode jogar na rua, com uma bola de pano ou de borracha, uma bola qualquer e pronto, que o menino joga. E bola não se joga sem o amor e a pureza de um menino.”

A língua portuguesa, fluente em bom futebolês, não esconde o jogo e nos emociona em cada verso de suas duas estrofes de quarenta e cinco minutos. Do Chuí ao

Oiapoque, ela se renova com jogadas surpreendentes que nos remetem ao incomparável Garrincha e suas pernas, quase aspas, se abrindo às metáforas poéticas futebolísticas e inspirando uma desprestigiada quadrinha:

*João Cabral, o menino
aos 15 quis ser jogador.
A carreira não seguiu
por paixão foi escritor.*

Na arquibancada, a nossa língua-mãe é verbo, quer ação e, no mais-que-perfeito futebolar, parte para o abraço, dando baile, fazendo gol de letra, ao se manifestar contra o machismo, o racismo, a homofobia e a favor da nossa frágil democracia.

“Cometa”, a primeira gráfica de Volta Redonda

Nikson Salem

A produção gráfica tem início na Alemanha, por volta do ano de 1430, quando o alemão Johann Gutenberg apresentou ao mundo a máquina de impressão tipográfica, invento considerado o mais importante do segundo milênio. Até então, os livros eram escritos à mão e sua produção já não era capaz de atender às necessidades de leitura e aprendizado de um número crescente de estudantes das universidades europeias. Era preciso criar um processo mais rápido e barato, o que de fato foi feito. Enquanto o segmento gráfico avançava pelo mundo, no Brasil era proibido imprimir qualquer livro ou papel, e as duas oficinas tipográficas precursoras – de Recife, em 1706, e do Rio de Janeiro, em 1747 – foram fechadas e seus equipamentos apreendidos. Com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, novas necessidades se impuseram, entre elas, a criação da Imprensa Régia, que tinha como finalidade imprimir todos os papéis ministeriais e diplomáticos do real serviço, documentos das repartições governamentais e obras de particulares, além de produzir o primeiro jornal impresso do Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro. A existência da imprensa não constituiu uma liberdade para imprimir, logo foram nomeados os censores régios, encarregados de verificar os textos encaminhados para impressão e também obras importadas, nenhuma poderia ser retirada ou despachada das alfândegas

brasileiras sem a devida licença. Essa censura se manteve até 1821, quando D. Pedro I decretou sua suspensão e liberou o funcionamento de tipografias particulares. A partir desse ato, as oficinas tipográficas se espalharam por todo o território nacional, instaladas não só nos grandes centros, mas também em pequenos povoados como o de Santo Antônio da Volta Redonda. O responsável por essa iniciativa foi Manoel Alves Ourique, que em 1898 inaugurou sua gráfica e no mesmo ano publicou o primeiro jornal de Volta Redonda, intitulado “O Cometa”, que trazia anúncios de estabelecimentos comerciais. A gráfica divulgava os seus serviços por meio do seguinte anúncio: *“Apronta-se com brevidade todo e qualquer tarefa concernente à arte: faturas pautadas em meia folha e folha inteira. Notas pautadas e riscadas, contas correntes, etc. Talões de recibo para dinheiro e aluguel de casas, de notas para vendas ou quaisquer misteres, grandes ou pequenos; brochados, picotados e numerados. Encarregava-se também da confecção de livros, jornais, brochura e encadernação. Cartas de convites para missa ou enterro, em meia hora. Circulares, avulsos, papel para cartas, ofícios, etc. Cartões de visita e comerciais simples, dourados e a fantasia, em meia hora. Tudo com perfeição e nitidez”*.

Pouco tempo depois, em 1900, Ourique deixou de publicar “O Cometa” para produzir um novo jornal, o “Almanach do Armazém Encyclopédico”, que tinha como objetivo principal divulgar o catálogo dos produtos oferecidos em sua loja, o Armazém Encyclopédico, onde o freguês encontrava diversos artigos de fazendas, roupas, armarinho, ferragens, tintas, louça, chapéus, calçados, ferramentas para carpinteiro, pedreiro e outros artigos para sapateiro, seleiro e alfaiate. Editado anualmente, o Almanach apresentava ainda um calendário anual com todos os feriados, datas

comemorativas e dias santos, informações e dicas para a administração do cotidiano; como tabelas de preços, tarifas postais, orientações jurídicas, conselhos medicinais, dados astronômicos e orientações para as atividades agrícolas. Trazia também anedotas, provérbios, poemas, contos, trovas, sonetos, matérias de cunho histórico, cultural e religioso e relatos de viagem. Assuntos diversos que acompanham o conceito de almanaque desde o seu surgimento e que lhe confere um caráter compósito e enciclopédico.

No ano de 1909, foi entregue aos amigos e leitores a última edição do Almanach, onde Manoel Ourique relata a situação econômica do Brasil, diz que o movimento comercial está paralisado devido a crise que atinge o país e que em Volta Redonda o cenário era ainda mais sensível, chegando a causar escassez de alimentos. Ainda assim, afirmou que não iria esmorecer e que se empenharia para manter o Armazém Encyclopédico. No entanto, não foi o que aconteceu, já que no ano seguinte ele encerrou as atividades do Armazém e foi residir em Barra Mansa, para onde transferiu sua gráfica e abriu um novo comércio, o Empório Barra-mansense.

No dia 25 de dezembro de 1916, o jornal local *Gazetinha* anunciou o falecimento de Manoel Alves Ourique, descrito pelo periódico como um homem extinto, que personificava a honradez e a força de vontade, um modelo para os negociantes. Ainda jovem, fixou residência em Volta Redonda, onde foi proprietário da Gráfica do Cometa e do Armazém Encyclopédico. Aqui se casou com Eugênia Moreira Ourique e teve um único filho, Celso Ourique, que também se tornou comerciante. Nas horas vagas, Celso escrevia poesias, entre as quais escolhemos uma para finalizar o texto.

Amanhã (1914)

Quando a morte amanhã, sem compaixão
Rematar os meus dias tão chorados,
Faz, escuta querida, o meu caixão,
Dos teus negros cabelos ondulados.

Com teus olhos luzentes, adorados,
Ilumina-me a campa e o coração
Pra que eu esqueça dos dias que passaram,
Foram em trevas, sem luz, na escuridão.

De tuas faces morenas, sedutoras,
Que me inspiram paixões abrasadoras
Faz-me ainda o eterno travesseiro

E que alegre o sepulcro o teu sorriso,
Transformando-se assim, num paraíso
Onde eu durma tranquilo um século inteiro.

Referências Bibliográficas

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. Desejo de Enciclopédia: o saber total. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; GARCIA, Lúcia Maria Cruz. “Impressão Régia”. In: VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (orgs.). Dicionário do Brasil Joanino, 1808-1821. Rio de Janeiro, 2008.

OURIQUE, Manuel (red.). Almanach do Armazém Encyclopédico: contendo o calendário, informações úteis e catálogo dos artigos que compõem o seu variadíssimo sortimento. 8. ed. Volta Redonda: Typografia do Cometa, 1909.

A construção de Sophia

Raquel Leal

Altiva e descontraída, nunca se sentira diferente, apesar dos olhares vazios que se destinavam a ela, muito menos permitia que sua inteligência fosse subestimada, embora não gostasse das vaidosas exibições de conhecimento, tão comuns a sua época.

Da avó, herdara o nome Sophia, junto com um rico armário de costuras. E fora em posse do admirável material encontrado no armário herdado, que construía Clarice, sua sincera amiga de seda, algodão e imaginação.

Sophia amava Clarice de forma pura. Nela confiava plenamente, já aos mortais não dispensava tamanho crédito justo, quando por amor resolvera substituir os olhos pelos quais Clarice via o mundo, pois esses se mostravam gastos e descoloridos.

Dirigira-se ao armário de costuras e trouxera uma caixa contendo os mais lindos olhos-botões que foram fabricados. Sophia apresentou à Clarice o olho Grego, o de Hórus, de gato, de lince. Por nenhum deles Clarice se interessava. Fora então que Sophia resolveu perguntar a Clarice que olhos desejaria ter afinal.

Sem demora alguma, Clarice respondeu a Sophia:

- Desejo olhos como os seus.

E Sophia espantada diz-lhe de imediato:

- Os meus são cegos!

Clarice então lhe esclarece:

- Por isso os desejos. Estes não poderão me enganar.

(Para minha avó Neyda, que partiu deixando finíssimos bordados em nossa alma.)

As casas conversam

Regina Vilarinhos

Sinto muita falta de algumas casas que já morei.

Desde minha infância, os lugares conversam comigo, ouço seus sussurros. Uma rotina é ouvir as árvores do quintal lá da Vila Santa Cecília, soprando o fim do domingo cheio de gente em casa. Ouço a voz dos quartos sendo ocupados por adolescentes preparando os uniformes da segunda. Uma falação da missa na igreja bem próxima também chega na lembrança.

Aqui, nesta nova casa, esses novos sons começam uma outra memória. O som da chuva no jardim me deu essa saudade hoje. São as conversas das casas que me habitam.

As casas conversam 2

Fui conhecer o canto forte do vento quando morei à beira-mar, na Praia da Costa, em Vila Velha. Meados dos anos 80, era jovem e fazia pré-vestibular. De dia, eu ouvia as ondas conversando com a areia. O apartamento era no décimo terceiro andar, janelas grandes, de correr, esquadrias de

madeira. Elas batiam muito quando vinha o vento sul. Esse é o vento da chuva, que muda o tempo no litoral. Tinha medo, no começo, era um uivo forte, principalmente à noite. Dormia sozinha em meu quarto, cuidava de colocar papéis nos batentes, para não ouvir a conversa do vento com as janelas e as portas. Mas ouvia. Em alto mar, ele soprava mais ato, e falava com as sereias, com os marinheiros, com os pescadores e com os peixes. Sempre que virava o vento sul, eu sabia que teria uma longa noite.

Eu ouvia. Posso ouvir ainda. Acho que eram Netuno e Yemanjá trocando juras de amor.

O vento habita minha memória.

VERSO

Soneto de Porcelana

Lee Brasil

Há vinte anos, no Sul Fluminense,
Edificou-se um plano cultural:
A Academia Volta-redondense
De Letras era, enfim, sonho real.

Essa estrutura de resiliência
Não sucumbiu à adversidade.
É um sinônimo de resistência,
De ousadia e de pluralidade.

Os que se foram, vivem na memória
Tiveram o seu valor eternizado
E respeitada é sua trajetória.

Os que hoje estão, para honrar tal legado
Constroem, no presente, a sua história
Com os olhos no futuro almejado!

Seus 20 anos

Ana Malfacini

Oh! Que saudades que eu sinto
da aurora da sua vida...
AVL, academia querida,
que o tempo só tornou mais capaz.
Quanto amor, com fumaça e dores,
naquelas tardes operárias,
à sombra das quaresmeiras,
debaixo dos laranjais!

Vinte anos de letras, um legado tão especial,
Com paixão e dedicação, sem - em décadas - nada igual;
Seus autores e poetas, que a cidade admira e conduz.
Oh! Como é honroso comemorar a missão de sua luz!

Suas palavras e peças tocam coração e alma,
Com novas gerações criando, cheias de liberdade e
expressão,
Assim, esta academia se renova com um novo grupo em
adesão.
Oh! Como é bom viver nossa luta em união!

A AVL é potência, encontro, lume e troca.
E o legado da academia é um tesouro que se propaga,
Onde a palavra é celebrada cheia de respeito à literatura
Oh! Como é digno saber que esta arte conosco perdura!

Nesse ciclo, a AVL segue, firme e sempre altiva.

Com seu legado de letras, com a cultura que não finda -
capazes de emocionar novos nomes que surgirão ainda.
Oh! Como é doce sonhar com o saber que ilumina a
vida!

Poemas Reunidos

Camila Cabral

Inconclusivo

Mensura-se sentimentos?
Tristeza infinita, desmedida?
Mensura-se sentimentos?
Felicidade que transborda?
Mensura-se sentimentos?
Um medo que apavora e sai pela tangente?
Mensura-se sentimentos?
Raiva que excede a qualquer hora?
Mensura-se sentimentos?
Alegria que foge e volta?
Mensura-se sentimentos?
Vazios que desaguam no mar e no ar?
Mensura-se sentimentos?
O querer bem de vos?
Mensura-se sentimentos?
Todos que habitam em nós?

Coração de letras

Me faço pedaços de palavras,
mas não daquelas retas,
sim, das curvas que tropeçam
nas margens do papel.

AVL, me disseram.
Sigla ou semente?
Soa antigo e novo,
feito o som da caneta que rasga
e acaricia o tempo.

Volta Redonda — um nome que dobra,
faz curva, deságua.
Ali, ergueram-se cadeiras
para corpos que não se calam.

Quarenta corações
em trânsito —
entre a infância de um poema
e a velhice de um parágrafo
esquecido.

Pedrosa sonhou.
Mércia anotou.
Feliph cantou.
Afrânio desenhou a alma
num brasão que também é espelho.

E o tempo?
Assinou a ata com mãos invisíveis.

Aqui, a palavra se escreve de si mesma.
Não quer fim,
não quer título,
não quer moldura.

Quer a fresta, a entrelinha,
o quase silêncio.
Quer o momento em que o livro se abre
e a gente se encontra.

Por isso,
não me peça sentido.
Me peça sentimento.

Porque ser academia,
nessa terra de ferro e flor,
é saber
que até o aço, às vezes,
é verbo em brasa.

E que escrever —
ah, escrever...
é o que salva
quando o coração já não cabe
dentro do peito.

Cores Irrenunciáveis

Dio Costa

outra Nuvem vaza em movimento
vida que cresce entre raios
legiões a serviço de sei-lá-o-quê
portas abertas são bem frequentadas
olhares assustados discordam
bombardeios na cabeça
padrões patrões
o ácido tudo vê
os primeiros passos são grandiosos
como um bolo de aniversário
pessoas reunidas em mais de três
rascunhos e perspectivas caem nas mãos
os dias padecem longos
cabem o futuro e o arcaico
o ofício e a festa
a mistura bagunça as unidades
invade e fala

o comício de alguma coisa
a pergunta na sala de estar
simples e direta ao fim
poção mágica com bruxas sereias
batucadas de indígenas anjos
vício visceral vil
nos fundos do terreno baldio
anúncios de novos calendários
destampam o tempo
folia furiosa
antes que acabe o mundo
antes que acabe o álcool
só o sistema não acaba
os olhos contemplam a contravenção
o colírio é álibi e cúmplice
margem fina
os códigos estão aí
os espaços gritam desesperados
entram no ar

em horário nobre
fora do quadro de horários
parados olhando
o mercado pragmático não ri
resta o retrato do filme
em preto e branco
e Cores Irrenunciáveis

Poemas Reunidos

Elyane Lacerdda

Borboleta Errante

Que seja raro e me embale
Que mesmo desajeitado me faça dormir...
Sonhar...
Viver alucinadamente
Acreditando em suas mentiras
Mas que seja breve
Que passe como o vento
Não me agarre nas folhas das árvores
Não me sufoque com o travesseiro
Deixe-me na hora certa...
Que a borboleta habitante de minha alma
Essa azul como as águas do mar e o infinito
Crie coragem para o grande voo
Da despedida...
Do desencontro
Da vida que se reinicia...
Que seja raro e me embale
Mas que seja forte
E não perceba
A minha partida
Calma
Sem choros
Que seja a luz
Para guiar sua nova estrada...

A Inevitável Invisibilidade

De repente percebemos, que não fazemos mais parte da sociedade, não somos mais solicitados, não temos mais a mesma importância para os “amigos” e “familiares.”

De repente...

De repente olhamos para todos e não somos vistos por ninguém, passamos pelas ruas como sombras ambulantes... futuros cadáveres, esqueletos ou apenas cinzas que se misturarão ao universo, num pequeno sopro de adeus!

De repente...

Sentimos falta dos amigos do trabalho, da faculdade, dos filhos que já não convivemos; não correm mais pelos corredores do apartamento, não ouvem música alta, não nos chamam para ir ao shopping ou ao cinema. Sabemos claramente que fomos importantes, mas já não fazemos tanta falta!

Até senhas especiais nos dão, quando vamos ao laboratório ou chegamos a um hospital para apenas marcarmos uma consulta!

Somos prioritários ou ainda prioritários dos prioritários, aqueles que já viveram mais de 80(oitenta) anos de idade!

Onde estão?

O que representamos para o mundo quando nos aposentamos?

Somos inativos, será?

Dentro de nós há saudade de algumas pessoas, animais, movimentos artísticos, passeios ao ar livre, caminhadas apreciando o rio que corre incessantemente, deixando o passado para trás e apenas seguindo seu curso natural!

Estamos mais experientes, observadores, minimalistas, amantes da natureza.

Sorrimos com a certeza de que sempre vale a pena, acordar e agradecer por mais um dia, mais um abraço bem apertado, um beijo bem molhado e uma grande pitada apimentada de AMOR!

De repente...

De repente percebemos, que não fazemos mais parte da sociedade, não somos mais solicitados, não temos mais a mesma importância para os “amigos” e “familiares.”

De repente...

Vinte anos da AVL

Elizabeth Carolina

Uma Academia construída
Sob os pilares da criatividade
E da liberdade de expressão.

E em suas janelas sopram
Valores ideais
E ideias que mobilizam as emoções

Uma Academia que tem como base
O amor à literatura falada e escrita
E que valoriza os talentos
Da cidade do aço e da cultura.

AVL, um orgulho para nossa cidade
Em seus vinte anos de existência
Merece nossas reverências
Por seu trabalho e credibilidade.

E sobre os fins?

Guilherme Tadeu

Enquanto vagueavas pelo receio dos fins
Indubitavelmente evitava que acabasse
Querias que o que gostas durasse para sempre
Sem perceber que o para sempre é limitado
Tão limitado quanto o próximo “porém”

Didaticamente nós findamos as coisas
E brutalmente as coisas nos findam
Findam-se os relacionamentos
Os ciclos
As viagens
Os empregos
Os sonhos
Os livros
A louça
A faxina
As roupas
A vida ...

Mas, há de se repensar
Nas viagens que se retornam
Nos ciclos novos que chegam
Nos empregos novos a serem conquistados

Nos sonhos a serem concretizados
Nas roupas a serem compradas
Na vida a ser recomeçada

Destes por acabado quando o fim parece surgir
Mas, não reparas que aquilo que amas, amaste e amarás
Permanecerá contigo mesmo quando passares
Porque a verdade é que todas as eternidades findas
Findam-se em um fim eterno
De que damos por acabadas as coisas
Para que novas surjam
Porém, no ressoar das vibrações
Permanece a roupa sendo reutilizada como pano
As viagens como memória
Os sonhos como inspirações
Os empregos como experiências
E a vida como possibilidade e afago

Finda tu, findarei eu, findaremos nós
Findar-se-á este poema
E tudo ainda sim ficará conosco
Sem jamais findar-se por completo

Poemas reunidos*

Jean Carlos Gomes

Referência poética

Prefiro poemas
Compostos pelas cores
E pelas vozes do mundo...

Os que sejam temperados
Com o suor de cada rosto
Pra serem servidos a gosto...

Prefiro poemas
Natalinos, bem enfeitados,
Que façam barulho, batuque, samba
E depois virem *Canção Eterna...*

Os que provoquem erosão,
Os que se originem lá do fundo
Do coração...

*Os que consigam tocar
No mais profundo
De cada ser
Ecoando
Em nosso viver...!*

Colocando os versos

Queria colocar os versos na ponta da língua,
Mas eles escorregaram...

Queria ensinar-lhes os primeiros passos,
Mas eles caíram...

Queria que eles se tornassem em plena calma,
Mas se desfizeram em uma enorme ventania...

Queria elegê-los,
Mas foram vencidos...

Queria acalmá-los,
Mas se enfureceram...

Queria popularizá-los,
Mas tentaram boicotá-los...

Queria norteá-los,
Mas os margearam por completo...!

Tecendo...

Poemas finos
Na clareza abafada
Desse dia...

Com perfeição
E muita ousadia,
Com leveza alcançada,
Mas com rugidos
De nobres felinos...!

Etapas do poema

Plantei-o no quintal da minha casa,
Perto do pé de acerola,
Debaixo do abacateiro,
Próximo das hortaliças...

Adubei a terra com pureza e sabedoria.
Sendo molhado mais pela água da chuva
E fortificado pela luz das manhãs ensolaradas,

Que ele possa germinar, crescer saudável
E em tempo hábil,
Para alcançar e abraçar este Mundo
De tantos *contrastes e controvérsias...!*

A casa

A casa é um universo
Onde moram vontades
E não seres...

É um *baú de espantos*
Onde adormecem segredos e
Fantasmas do passado...

Tem móveis arrumados
E utensílios em seus lugares...

Residem pessoas diversas,
Portas-retratos, olhares curiosos,
Belos enfeites, anseios variados...

Ela não é (e nem pode ser...) um único cômodo,
Com portas, janelas e cortinas entreabertas,
Com jardins floridos, pássaros voando,
Repleta de saudades...

*Pode ser uma pessoa
Ou apenas uma construção vazia,
Sombria e nada mais...!*

* Poemas do livro inédito *Guardo e aguardo um poema* prefaciado por Gilberto Mendonça Teles (1931-2024), professor e poeta.

Os operários¹

José Huguenin

Ao fundo a fábrica
Joga no ar a fumaça nossa de cada dia.

Todos olham adiante,
Querendo ver um novo dia.
De certo há fumaça em volta deles,
Os olhares são turvos,
Há olheiras profundas,
Ninguém sorri.

Há uma réstia de céu azul
No longínquo horizonte por sobre o teto da fábrica,
Que deixa a vista enevoada de fumaça
Provocando ardor nos olhos
E na alma.

Amalgama-se
A face do país na diversidade dos rostos

¹ Poema sobre tela: Os operários de Tarcila do Amaral

Claros,
Negros,
De olhos puxados,
Com véu muçulmano,
Com italiano chapéu,
Amarelo tom,
Todos governados pelo som
Do apito da fábrica.

A unificação do nosso povo já está presente lá
Com a mistura que nos fortalece
Com a exuberância que sobrepuja.
Presentemente é preciso, ainda, enxergar isso.

Cada semblante conta uma história
Que por vezes se mistura com
Graxa,
Fios,
Frios,
Pó de serra,
Limalha,
Carvão,
Cianureto,

Dependendo da fábrica.

Cada semblante estampa aquilo que carrega no peito.

Dor,

Altivez,

Desânimo,

Desafio,

Medo,

Doença.

Cada semblante carrega o fardo

Com o qual não se importa a fábrica.

Não há para onde fugir?

Onde buscar o sustento para suas vidas sem luxo?

O jeito é sujeitar-se ao apito.

Os olhares permanentemente fixos

Avistam, acaso, alguma esperança para além

Do pátio da fábrica?

Poemas reunidos

Márcio Castilho

SPINA I

Letras

Saltitam as letras
Das frestas, gavetas,
Mudando de endereço.

Vão assim, escapulindo, indo embora,
Gerando movimento pelo mundo afora,
Vociferando: cultura não tem preço!
Que saiam, então, sem demora
Revirando a vida pelo avesso!

SPINA II

O vício nas vísceras

Anelos, plúmbea fumaça,
Névoa de fumo
Que não sacia.

Enquanto criava a estrutura silábica,
Ocupavam-se uns dedos no vício,
Outros dedos noutro vício: poesia,
Poesia desagregada de minhas vísceras,
Esta que, do orifício, saía.

DNA poético

Alelos,
A lê-los
estou.
Frente
À lente,
O DNA poético,
Uma pitada de açúcar,
Uma fração de ácido fosfórico.
Bases nitrogenadas
Impressas
Como em
Folhas,
Fitas
Helicoidais -
Letras
Outrora
Separadas
Que,
Quando
Umas
Às
Outras
Manietadas,
Dão
Origem
Aos
Poetas.

Serte

Mércia Christani

Penetrar na inconsciência/âmago
Do seu eu e
Descobrir o invisível que é dúvida minha...

Penetrar no seu sorriso
E saber se o brilha do seu olhar brilha um pouco
Por mim...

Penetrar no seu coração (que parece bater
| descompensado)
Ouvir suas batidas na esperança de que
Ecoem meu nome...

Penetrar na sua existência
e saber se lá existo eu.

Poemas reunidos

Marcorélio Fortini de Andrade

Você é um poeta?

Por onde passo me perguntam
Se eu sou um poeta?
Será que basta criar versos
E escrever textos e livros?
Mas eu arrisco a responder:
Penso ser um aprendiz de poeta
Um amante das palavras
Que adornam os sentimentos.
Gosto de ler e escrever
De tudo um pouco
E muito mais sobre poesia.
Ela, a poesia, está em tudo...
No sentido que transluz o que existe
“E no socorro das coisas que não existem”!
Na vastidão da natureza
Na fruição das relações
Na brisa das coisas simples.
E na vastidão do que transborda...
Não sei explicar com clareza
Mas ousar encontrar-me
Como pequeno poeta sonhador
Para ser um canal da poesia.
É uma forma de presença
De construir-se no mundo
E se alimentar e produzir mensagem
Acolher os acenos dos anjos
Que moram na beleza da linguagem.

Acordar

Acordei com o carinho do sol
Animando o corpo a pular da cama
Sensação inquieta na alma
Como se não estivesse cabendo em mim
Uma louca vontade
De fazer tudo quase simultaneamente.
Aquele desejo imponderável
De desafiar o impossível
Ou a simples intuição
De resolver o que ficou agarrado
Nas incumbências do caminho.
“A maior vitória é vencer a si mesmo”!
É preciso superar a preguiça
Ou o vício de procrastinar
Sem o destempero da ansiedade
Que tira o prazer
Das coisas que se tem pra fazer.
Quero caminhar e correr
Também meditar e escrever.
Aproveitar atentamente o tempo
E bem viver cada único momento...

Palavras

As palavras têm poder incalculável
De repente, todo mundo sabe disso.
Mas a gente esquece que o recordar
É a verdade da presente memória
Na edificação contínua da história.

As palavras têm uma força criadora
E criativa pra dizer o que uma coisa é.
“A linguagem é a morada do ser”
Resguarda e revela a essência
O farol de sentido da existência.

As palavras têm uma fenda inefável
Nas ocupações e relações cotidianas
Ao serem “mal ditas” são como pás
Cavando valetas e buracos fundos
Na queda de ideias e afetos profundos.

As palavras têm um brilho infinito
Iluminam o caminho e a caminhada
Mostram setas e atalhos dos encontros
Propiciam pensar o mundo em construção
Revelam que a vida é experiência e relação!

Palavra

Rodrigo Hallvys

Toca-nos o dom da palavra

Do âmago comunicado

Às entranhas atingidas

Do gérmem semeado

A tudo que se lavra

A terra escrita, com pá

Deusa Imperial

Silvia Helena Xandy

Quando o dia se deita nos braços da escuridão
e a lua clareia majestosa a abóbada sideral
é como se fosse uma oferenda de Deus,
aos poetas, essa deusa imperial!

Garbosa, ela desfila na passarela da imensidão,
seduzindo com sua ditosa beleza,
os astros da nossa constelação.

Quando refletida sobre o negrume das matas
seu brilho é universal, e sua beleza é um lume celestial.

Ela é mais exuberante ainda, quando apreciada
lá no fundo meu quintal, vestida de fada transcendental
com seus cachos prateados, luzindo no azul do meu
| avental.

Montanha-russa da alma

Thalita Wutke

Quando a alma chora por uma aflição,
E dói lá no fundo do nosso coração,
É comum buscarmos, com certa emoção,
Que o outro nos traga alguma absolvição.

Mas e se, em vez de tanto esperar,
A gente aprendesse a se acolher e se cuidar?
Talvez o remédio que tanto buscamos
Resida em nós mesmos, no jeito que amamos.

O perdão, tão puro, talvez more ali,
No canto mais doce de quem já sorri.
É dentro de nós que a cura acontece,
Quando a alma se escuta e enfim adormece.

AVL:
20 ANOS
DE
HISTÓRIA

Academia Volta-redondense de Letras: 20 anos de contribuição para cultura da cidade do aço

José Huguenin

A Academia Volta-redondense de Letras – AVL é uma instituição literário cultural, fundada em 11 de março de 2005, sem fins lucrativos, que congrega escritores e escritoras de Volta Redonda em torno do objetivo de difusão da cultura brasileira, da língua portuguesa e da literatura, através da valorização, estímulo e divulgação da produção literária regional. Em 2025, comemora 20 anos de existência.

Sua missão é difundir a língua portuguesa e a literatura através da produção literária e acadêmica, além de registrar, difundir e incentivar a produção artístico literária de Volta Redonda e região.

Fundada com 20 cadeiras, na reforma estatutária de 2018, passou a contar com 40 cadeiras de membros efetivos (residentes em Volta Redonda) e passou a ter 20 cadeiras de membros correspondentes, residentes em outras cidades do país.

O brasão da AVL foi criado pelo artista plástico volta-redondense Afrânio Moutinho, e tem como ponto focal a curva do Rio Paraíba do Sul que assume a função de contorno de uma lombada de um livro aberto, que representa o livro da história marcante que a cidade do aço tem e continua a fazer em nosso país.

A solenidade de posse dos primeiros acadêmicos ocorreu em agosto de 2005, na Câmara Municipal de Volta Redonda, local que sempre abrigou grandes momentos da AVL.

Através da Lei Municipal 5.057, promulgada em 26 de maio de 2014, a Academia Volta-redondense de Letras passa ser reconhecida como instituição de utilidade municipal. A entrega do título foi realizada em 31 de março de 2015.

Como ainda não tem uma sede, a AVL conta com parceiros importantíssimos para realizar suas reuniões e eventos: o GACEMSS, que abriga a sede provisória da academia, o Clube Foto Filatélico, A Biblioteca Raul de Leoni e a Câmara Municipal de Volta Redonda.

A importância da AVL para a cidade está retratada nos inúmeros projetos e serviços culturais que presta. Nos primeiros anos, vários projetos envolvendo escolas da cidade, rodas de leitura e diversos saraus poéticos foram realizados.

Com o objetivo de reunir e salvaguardar o acervo de autores e autoras de Volta Redonda e Região, foi criada em 2020 a Biblioteca da AVL que abriga o acervo que tem mais de 200 títulos, muitos deles obras raras de grandes nomes da história e da literatura da cidade. Esse acervo, sem dúvida, é um patrimônio histórico da cidade. Em 2021, a Assembleia Geral da AVL batizou o acervo como Jornalista Vicente Melo, em homenagem ao presidente que falecera naquele ano.

Para incentivar a produção literária da cidade e região e valorizar a autora e o autor local, criou o Prêmio Maria José Maldonado de Literatura, que tem o nome da

saudosa poeta e imortal da AVL. Também realizou o concurso Luz e Poesia com alunos e alunas das escolas públicas da cidade.

Visando difundir a literatura produzida na cidade, a AVL atua como editora e já publicou dezenas de livros e todos eles têm sua versão eletrônica disponibilizada para aquisição gratuita, reforçando o compromisso da academia com o acesso à literatura e incentivo à leitura. Podemos destacar a série Prosa & Verso que publica anualmente textos em prosa e verso de autoria das acadêmicas e acadêmicos; a série Antologias Concursos Literários que publica textos premiados nos concursos literários que realiza. Nesta categoria, vale destacar os E-books Poesia & Ponto, fruto de parceria entre a AVL e a Secretaria Municipal de Cultura. Muitos autores e autoras da cidade tiveram seus primeiros textos publicados na série de livros Concursos Literários. A série Registros Históricos visa resgatar e apresentar à geração atual textos dos precursores da literatura na cidade. Vale destacar a publicação em 2024 da 2ª Edição do livro *Preconceito de cor*, do saudoso escritor José Luiz de Oliveira, no ano do centenário de seu nascimento, ele que foi fundador do GLAN e membro fundador da AVL. Este foi o primeiro romance publicado em Volta Redonda em 1956. Também foi publicado o livro *Vicente Melo: fragmentos*, do saudoso ex-presidente da AVL e grande nome da cultura volta-redondense, que reuniu textos esparsos do autor e os disponibilizou aos leitores. Em 2024 também publicou o primeiro volume da série *Relatos da literatura de Volta Redonda*, que traz registros da história literária da cidade, notas biográficas de autores e autoras que praticamente iniciaram o movimento literário da cidade. Além disso, registrou

movimentos literários como saraus, entre outros temas de importante registro e divulgação.

O sítio internet da AVL (www.avl.org.br) é um portal de difusão cultural onde textos literários e artigos dos acadêmicos(as) podem ser lidos gratuitamente. Em 2024 recebeu o Prêmio Olho Vivo de melhor conteúdo digital.

Visando ampliar o registro e o estudo da literatura da região, além de incentivar a leitura e a escrita, a AVL criou em 2020 a Revista Arigó, que tem como objetivo publicar trabalhos que discutam, analisem e divulguem a produção literária de autores de Volta Redonda e da região Sul Fluminense, de todo Estado do Rio de Janeiro, mas não somente, abordando também literatura em geral, a Língua Portuguesa e o ensino de Língua Portuguesa. Também são publicadas peças literárias (poemas, contos e crônicas) produzidas por autores da região Sul Fluminense e relatos historiográficos da região. A Revista Arigó já está em seu 8º número e é indexada pelos diretórios acadêmicos Latinex (diretório internacional de revistas em línguas latinas) e Miguilim (diretório nacional), o que mostra a busca pela excelência do trabalho da AVL. A Revista Arigó é uma revista eletrônica que pode ser obtida gratuitamente em seu sítio na internet (www.revistaarigo.avl.org.br).

A valorização da literatura da cidade é sempre um compromisso da AVL. Outra ação criada pela academia é a instituição do Prêmio José Luiz de Oliveira, maior honraria conferida pela AVL, que tem como objetivo homenagear autoras, autores e personalidades culturais que contribuíram para o desenvolvimento da literatura de Volta Redonda.

A AVL tem buscado divulgar a literatura da cidade em todas as mídias sociais. Vale destacar a criação do Canal da AVL no Youtube que disponibiliza, por exemplo, a web série Poesia de Aço, que divulga poetas da cidade declamando suas poesias.

Como articuladora e promotora cultural, vale destacar a participação da AVL na Bienal do Livro de Volta Redonda, promovida pelo Instituto Dagaz. A AVL é parceria desde a primeira edição e, em 2024, coordenou o lançamento de livros de autores e autoras da região. Desde de 2022 é responsável pela originação do Concurso Literário da FLIM – Feira Literária de Mambucaba, o que mostra um trabalho que vai além das fronteiras do município, engrandecendo, assim, a cidade de Volta Redonda.

Também organizou uma Jornada Cultural da FALERJ (Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro) em 2023, quando foi cossignatária da criação do Polo do vale do Café da FALERJ (o primeiro da federação) junto as academias de Vassouras, Piraí, Valença e Pati do Alferes.

Nas comemorações dos 20 anos, foi montada uma instalação no Espaço das Artes Zélia Arbex que também foi exibida no subsolo do Sider Shopping. Nesse ano de aniversário, a AVL teve sua importância reconhecida pela Câmara de Vereadores de Volta Redonda, que outorgou a instituição Moção de Aplausos pelos 20 anos e também, honraria também recebida da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – a ALERJ.

Também fez parte das celebrações dos 20 anos uma Sessão Solene na Câmara de Vereadores de Volta

Redonda, palco de sua instalação há vinte anos. Essa sessão prestou homenagens aos membros fundadores além de plantar sementes para o futuro.

Nesses 20 anos, muitos frutos foram colhidos, não sem as grandes dificuldades inerentes ao funcionamento de qualquer instituição cultural. São justamente esses desafios que fazem com que seus membros, acadêmicas e acadêmicos, se desdobrem para produzir, em primeiro lugar, suas obras, dando sua contribuição à cultura da cidade, e, não menos importante, produzam muitas atividades através de projetos que são muito importantes para a cultura de Volta Redonda. As perspectivas futuras contemplam continuidade e ampliação destas ações.

Que venham mais 20 anos de trabalho e dedicação à literatura da cidade do aço!

MEMBROS EFETIVOS

2025

- Cadeira 1 – José Pedrosa
- Cadeira 2 – Dio Costa
- Cadeira 3 – Lourildo Costa
- Cadeira 4 – Regina Vilarinhos
- Cadeira 5 – Isaque Fonseca
- Cadeira 6 – Stael de Oliveira
- Cadeira 7 – Mércia Christani
- Cadeira 8 – Elizabeth Carolina
- Cadeira 9 – Ana Malfacini
- Cadeira 10 – Giovana Damaceno
- Cadeira 11 – Elyane Lacerdda
- Cadeira 12 – Guilherme Tadeu
- Cadeira 13 – Luiza Pettersen
- Cadeira 14 – Angela Alves Crispim
- Cadeira 15 – Emiliana Magalhães
- Cadeira 16 – Leonor Vieira-Motta
- Cadeira 17 – José Huguenin
- Cadeira 18 – Aline Reis
- Cadeira 19 – Alexandre Batista
- Cadeira 20 – Flávia Souza Lima
- Cadeira 21 – Débora Corsi
- Cadeira 22 – Elisa Andrade Costa
- Cadeira 23 – Nikson Salem
- Cadeira 24 – Maestro Caaraüra
- Cadeira 25 – Shirlei Leonardo
- Cadeira 26 – Camila Cabral
- Cadeira 27 – Guto Mello
- Cadeira 28 – Jéssica Regina
- Cadeira 29 – Jean Carlos Gomes
- Cadeira 30 – Natalia Lucinda
- Cadeira 31 – Sílvia Helena Xándy

Cadeira 32 – Márcio Castilho
Cadeira 33 – Kika Monnteiro
Cadeira 34 – Ettore Dalboni
Cadeira 35 – Lee Brasil
Cadeira 36 – Rodrigo Hallvys
Cadeira 37 – Raquel Leal
Cadeira 38 – Sara Jane
Cadeira 39 – Marcorélio Fortini de Andrade
Cadeira 40 – Thalita Wutke

MEMBROS CORRESPONDENTES

2025

Cadeira 1 – Cristóvão Cursino
Cadeira 2 – Flavio Chame Barreto
Cadeira 3 – Celso Ricardo de Almeida
Cadeira 4 – Wanderson Siqueira
Cadeira 5 – Angeli Rose
Cadeira 6 – Brasilino Neto
Cadeira 7 – Alexandre Diniz Gomes
Cadeira 8 – Claudia Lundgren
Cadeira 9 – Edmilson Naves
Cadeira 10 – Giovani Miguez
Cadeira 11 – Lucia Araujo
Cadeira 12 – Mauri Alves da Silva
Cadeira 13 – Robson Chaves
Cadeira 14 – Rogerio Veiga
Cadeira 15 – Sara Bantes
Cadeira 16 – Christovan de Chevalier
Cadeira 17 – Jefferson Evaristo
Cadeira 18 – Leonardo Santana
Cadeira 19 – Lilian Souza
Cadeira 20 – Saulo Soares

Presidentes e Vice-presidentes da AVL

2005-2011: José Pedrosa e Elisa Carvalho

2012-2015: Mércia Christani e Ronaldo João Gori

2016-2018: Mércia Christani e Vicente Melo

2019-2021: Vicente Melo e Mércia Christani

2022-2023- José Huguenin e Lourildo Costa

2024-2025: Jean Carlos Gomes e Débora Corsi

**SOBRE OS
AUTORES
E AS
AUTORAS
DESTE
VOLUME**

Aline Brasil Quadros (Lee Brasil)

Professora e escritora, Aline Brasil Quadros, ou Lee Brasil, ocupa a cadeira 35 da Academia Volta-redondense de Letras e pertence também aos Grêmios Literários de Barra Mansa e Resende. Coursou e exerce o magistério na rede pública de ensino, sendo graduada em Letras e especialista em Cultura e Literatura, Linguística Aplicada à Língua Materna, Pedagogia e Docência do Ensino Superior. Sua veia literária sempre pulsou poesia, seja ela livre ou estruturada, como nos sonetos, trovas, haikais ou tankas. Aventura-se, outrossim, na produção de crônicas e microcontos. Participa ativamente de antologias, eventos culturais e concursos literários. Em 2022, lançou seu primeiro livro de poesias, “De Versos”. Junto à acadêmica Camila Cabral, é uma das idealizadoras do projeto *Elas entre linhas*, destinado a divulgar a produção literária feminina da região Sul-Fluminense.

Aline Reis

Aline Reis é professora formada em Letras com especialização em Literatura Infantil e Juvenil, Literaturas de expressão em Língua Portuguesa, em Gestão e Docência do Ensino Superior, em Tecnologias na Aprendizagem e Design Educacional. Mestra em Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutoranda em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR), Argentina. É fundadora da Nós Educação Mercosul, empresa que oferece cursos voltados à Formação Continuada de Professores, palestras e mentorias sobre Tecnologias, Educação e Leitura. Também é fundadora da Nós Educação Cultural e da Editora Leaf, cujo nicho editorial é o da literatura infantil, juvenil e temas sobre Educação,

especialmente do século XXI. Aline escreve para aliviar as tensões e porque a arte, especialmente a da escrita, é parte de seu dia a dia de diferentes formas, como a leitura dos livros, uma boa roda de conversa sobre leituras e até a preparação da escrita, pensando no que produzirá, como os percursos das personagens ou os ambientes. É colunista do Diário Delas, caderno do jornal Diário do Vale dedicado ao público feminino. Nasceu em Brasília (DF), foi criada em Volta Redonda (RJ), morou e se formou academicamente no Rio de Janeiro e hoje reside em Resende (RJ), viajando a trabalho e passeio, mais que fincando o pé na cidade. Já participou de coletâneas, também sendo revisora, com escritoras do Brasil e participa ativamente de Feiras Literárias por todo o Brasil, sempre levando o nome da AVL. Já auxiliou na organização dos conteúdos digitais da biblioteca infantil e juvenil em Osaka/Japão. “Histórias (mal)cheirosas” (Editora Trejuli) é seu primeiro livro publicado em parceria com outras escritas. “Ali Gagá e os quarenta gatões”, também em parceria com outras escritoras, é edição aprovada no edital PNLD 2024.

Ana Malfacini

Carioca, é moradora de Volta Redonda desde 2002. Professora desde 1997, atua na rede particular e, na rede pública de ensino, hoje é professora da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Língua Portuguesa, tem obras publicadas nas áreas de Semântica (*Português na Universidade 1: Relações Lexicais - uma introdução à Semântica*, junto com o amigo Marcelo Beauclair) e de Linguística (*Língua Portuguesa: teorias linguísticas e práticas*

discursivas, do qual é organizadora). Desde 2022, faz parte da Academia Volta-redondense de Letras, a partir de quando estreitou seu contato com a produção literária. Publicou nas coletâneas *Poesia e Ponto* (anos de 2023 e 2024), organizou a coletânea *Prosa e Verso* (2024), fez parte do projeto “*Elas Entre Linhas*” (2025) com as acadêmicas Aline Brasil e Caminha Cabral e produziu o livro *Hoje contei pras paredes* (2025), reunião de seus poemas. Em 2024, tornou-se membro da Academia Fluminense de Letras (AFL), onde ocupa a cadeira de número 22. Mãe de Johan, Artur e Giovana, aguarda ansiosamente o momento de se tornar a vovó Ana.

Angela Alves Crispim

Nascida e residente em Volta Redonda/RJ. Mestre em Ciências Ambientais e Florestais, pela UFRRJ; Licenciada em Ciências Biológicas pelo UGB; Pós-graduada em Plantas Ornamentais e Paisagismo pela UFL (MG); Pós-graduada em Ciências Ambientais – Especialista em Meio Ambiente, Poluição e Controle, pela FERP. Trabalhos publicados em Coletâneas de Contos e Poesias do GLAN, pela AVL e em Coletâneas da PoeArt Editora. Livros publicados: *A Teia da Vida*, em 2022, *Perspectivas em Versos*, em 2023 e *Metaversos e Contos*, em 2024. Ocupa a cadeira nº 14 da AVL – Academia Volta-redondense de Letras.

Camila Cabral

Professora (IFRJ), Doutora em Educação (UFMS); Membro da AFESMIL Academia Feminina Sul-Mineira de Letras, Cadeira Nº 16 - Patrona: Jandira Meyer Azevedo; Membro da Academia Volta-redondense de Letras AVL, Cadeira Nº 26; Membro da UBE-MS (União

Brasileira de Escritores do Mato Grosso do Sul). Autora do livro *O que são as coisas? E outros poemas*; (Editora PoeArt, 2022). Participação em antologias e revistas nacionais. Co-organizadora do projeto “Elas entre linhas”. Instagram @camilacabralpoeta e @poesiageometrica.

Dio Costa

Nascido no Rio de Janeiro (RJ), Dio Costa é Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, com Mestrado e Especialização em Literatura Brasileira (UERJ) e Graduação em Letras (Faculdade CCAA). Professor, foi instrutor de idiomas (Inglês), integrou o grupo de pesquisa Vida, arte, literatura: bioescritas (UERJ), atuou no curso de extensão Práticas Bioescritas (UERJ) e organizou a oficina Por onde anda a Poesia? Caminhos & Diálogos (Projeto Escola Tem Cultura – Lei Aldir Blanc/VR). Atualmente leciona na rede municipal de Resende-RJ, na rede estadual em Barra Mansa-RJ e nos cursos de Letras (UFF) e de Pedagogia (UNIRIO) do CEDERJ/Polo Piraí-RJ. Instagram: @diocostarj

Edmilson Naves de Oliveira

Reside em Resende – RJ, escreve romance, contos curtos, crônicas e poemas. Sua obra literária está dividida em 06 E-books e 17 obras impressas entre livros e livretos. Tem também no seu currículo literário 03 livretos de histórias infantis, (*O passeio das formigas / Nani – A lagartixa urbana*, e *Bruninho – O mandí viajante*). Vencedor de vários concursos nacionais e organizador de alguns de poesias e contos curtos com participações internacionais de língua portuguesa. Lançou seu primeiro romance – *De volta à primavera* em 2023. Membro correspondente da AVL.

Elizabeth Carolina Mathias de Araujo

Médica otorrinolaringologista há 39 anos, formada na Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda. Publicou quatro livros, O Carnaval das Letrinhas (2003), Palavras que Tecem Poemas (2015), O Mistério do Pássaro Azul em Braille (2019), O Desfile das Letrinhas (2023). Publicou 197 escritos entre poesias e contos em suas redes sociais. Empossada como membro efetivo da Academia Volta-Redondense de Letras AVL (2024). Participou do Prêmio 100 Melhores Poetas da Língua Portuguesa da Editora Mágico de Oz (2024). Participou do Projeto Poesia e Ponto de Volta Redonda (2024). Participou da V Bienal do Livro de Volta Redonda onde ocorreu a tarde de autógrafos (2024). Participou do VI e VII Sarau Converso (2023/2024). Participou da Coletânea Vozes do Aço (2024). Esse ano de 2025 irá lançar o seu livro de poesias A Vida em Poesias.

Elyane Lacerda

Natural de Volta Redonda. Auditora Fiscal da PMVR (servidora aposentada). Professora de língua Portuguesa com Especialização em Produção Textual/Docência do Ensino Superior. Possui 11 livros já editados: Além das palavras, Sensações vizinhas, Entre infinitos, Poemas do acaso, Emoções Selvagens, Tecendo a Vida, Habeas Corpus, Eu e Outras, Dentro de Mim, Máscaras e Isolamento e Palavras. Premiada pela Academia Brasileira de Letras nos anos de 2001 e 2002 no concurso de redação para professores, entre outras premiações na região. Membro fundador da Academia Volta-Redondense de Letras, ocupando a cadeira de número 11 e membro da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, ocupando a cadeira de número 08.

Jean Carlos Gomes

Nasceu em 4 de novembro de 1979, em Volta Redonda, onde mora e trabalha. É poeta, editor e membro das Academias Volta-redondense de Letras, desde 2015 (da qual é presidente no mandato 2024–2025), e Barramansense de História (desde 2008). Recebeu inúmeros reconhecimentos por seus méritos culturais e sociais, concedidos pela Câmara Municipal de Volta Redonda, Câmara Municipal de Barra Mansa, ALERJ e Câmara Federal. Faz do livro um veículo de comunicação, entretenimento e interação, com a participação de escritores de todo o país e até do exterior. Já realizou mais de 50 concursos literários de poesia em âmbito nacional. É colunista do site Olho Vivo – www.olhovivoca.com.br – desde 2013. Em 2006 fundou a PoeArt Editora já com mais de 100 títulos publicados.

José Huguenin

Natural de Cantagalo-RJ, cresceu no distrito de Santa Rita da Floresta. Formou-se no ensino fundamental e médio em escolas públicas estaduais. Tem graduação (2001) e doutorado (2006) em Física pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, no Instituto de Ciências Exatas em Volta Redonda, onde mora desde 2006. No Campo da Literatura, escreve desde a adolescência. É poeta, escritor e foi laureado em vários prêmios literários, participou de diversas antologias. Tem 14 livros publicados, com destaque para os livros de poesia *Relatos de um arigó* (2022), que passeia pela história de Volta Redonda em versos, e *Universalidades* (2022), que mistura física e poesia. Euclidianista de nascença, publicou o romance “O vaqueiro e o jornalista” (2018) e o livro de contos “Vidas sertanejas”

(2022), que foram inspirados na obra de Euclides da Cunha. Organizou os livros *Escritos Euclidianos vol. 1 e 2, publicados pela AVL*. É membro da Academia Volta-redondense de Letras (AVL), sendo seu atual Coordenador Editorial. É o fundador e atual Editor-chefe da Revista Arigó, uma publicação da AVL. É membro da Academia Fluminense de Letras (AFL) e Academia Cantagalense de Letras (ACL). Site: www.josehuguenin.com

Leonor Vieira-Motta

Nasceu em Volta Redonda-RJ, em 1959, numa terça-feira de carnaval. É graduada em Odontologia e especialista em Saúde Coletiva e estudante de Letras. Tem publicados os livros de poemas: *Meu Tempo* (1980), *Vero brilhante* (2005) e *Rio Paraíba do Sul: Água de Viver* (2007) e os Cordéis *A educação em direitos humanos no COLETIVO* (2023) e *A luta da mulher para tirar as leis do papel* (2024). Em 2016 e 2019 recebeu o certificado de autora vencedora do Concurso Literário “Contos São João Marcos” do Prêmio Todos por um Brasil de Leitores. A União Brasileira de Escritores em 2019 distinguiu o livro de poemas *Vero Brilhante* com o Prêmio de Diretoria “Marly de Oliveira”. Está incluída em antologias com poemas, contos e publiquei crônicas em jornais da região. É torcedora do Flamengo, mas há alguns anos resolvi dar uma força para o Botafogo, time de dois dos meus três filhos e desde o ano passado tenho tido dupla alegria. Estuda piano desde menina e a natação competitiva foi o seu maior hobby. Atualmente está

às voltas com novos poemas sobre o rio Paraíba do Sul, com quem alego íntima consanguinidade e pretendo, na publicação, dedicar a obra ao Benício, seu primeiro neto. É membro fundador da Academia Volta-Redondense de Letras.

Márcio do Nascimento Castilho

Poeta e escritor, nasceu em Duque de Caxias no dia 04 de novembro de 1974. Em 1988, radicado em Volta Redonda, veio a se identificar como poeta. É licenciado em Ciências Biológicas pela UFRJ. É funcionário público. É membro das seguintes academias: AVL, AMCL, ACL, ACILBRAS, AIL, FEBACLA e faz parte da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas (SBPA). Participou de diversas antologias, dentre elas a XIII Coletânea de Contos e Poesias organizada pelo Grêmio Literário de Autores Novos (GLAN, 1996). Recebeu os prêmios Olho Vivo nas categorias Melhor livro (2019) e Melhor Poeta (2020). O soneto *Angústia de Narciso* garantiu ao autor a vitória em 2 concursos literários. Sua obra *De Todas As Tribos* se posicionou entre os três Melhores Livros de 2021 pelo Jornal Olho Vivo. Em 2024, Castilho lançou o último volume da trilogia poética *De Todos*, intitulado *De Todos Os Tons*.

Mércia Christani

Mineira, passou a infância e adolescência em Barra Mansa e Minas Gerais. Reside em Volta Redonda há mais de 50 anos. Começou a escrever no ano de 1968, em Minas Gerais, sendo premiada num concurso onde fazia parte dos jurados Tristão de Athayde, e outros grandes poetas. Membro fundador da AVL em 2005, foi presidente da AVL de 2012 a 2020. Publicou o livro *Andanças do Coração* (2012 – poesia, crônicas, causos).

Tem participação em mais vinte antologias. Inclusive antologia da *Academia Internacional de Letras e Antologia dos 50 anos do GACEMSS* e *GLAN*. Organizou eventos como Rodas de Leitura, Momentos literários, participação em clubes de leituras, grêmios literários e Associações literárias como *GLAN* e *GREBAL*.

Marcorelio Fortini de Andrade

Professor de Filosofia e Sociologia em Volta Redonda, pela rede estadual do Estado do Rio de Janeiro. Fez bacharelado e licenciatura em Belo Horizonte, MG. Também fez pós-graduação em prática de Ensino em Filosofia e Sociologia. Em 2020 também obteve a conclusão da licenciatura em Pedagogia pela UNIRIO, consórcio CEDERJ. Em junho de 2023 concluiu o mestrado em Filosofia pela UFRRJ. Desde a adolescência desenvolveu o hábito e o prazer da leitura, bem como a experiência criativa de escrever alguns lampejos, mensagens, afetos e reflexões. A poesia desde essa fase da juventude fez morada em seu coração. Ascendeu-se um laço simbólico de encanto, arte e luz. Em 2015 publicou seu primeiro livro com uma antologia denominada *Caleidoscópio de Poesia*. Em 2020 publicou seu segundo livro *Miragens no Horizonte* pela Poeart editora.

Nikson Salem

É graduado em História pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM) e possui especialização em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena pelo Centro Universitário Uninter. Atualmente ocupa os cargos de presidente da Academia Barra-mansense de História e Gerente de Patrimônio Cultural da Fundação de Cultura de Barra Mansa. Autor de várias publicações de cunho

histórico e didático. Membro efetivo da Academia Volta-redondense de Letras, onde ocupa a cadeira número 23.

Raquel Leal

É poeta, escritora e professora formada em Letras e Literaturas pela UFF. Membro da Academia Volta-redondense de Letras, ocupando a cadeira 37, e da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil, ocupando a cadeira 43, atuou também no Conselho Municipal de Política Cultural de Volta Redonda, onde ocupou a cadeira de Literatura entre os anos de 2020 à abril de 2025. Foi indicada como melhor poeta nos anos de 2019 e 2020 pelo jornal Olho Vivo. É autora de *LouvAções*, poesia – 2024; coautora da coleção *Poesia & Ponto*, volumes 1, 2 e 3, poesia – 2021 à 2023; coautora de *Autores Valencianos*, poesia – 2015; *Colorir*, poesia – 2022; coautora de *Elas entre linhas*, poesia – 2025.

Rodrigo Hallvys

Volta-redondense, graduado em Teatro pelo UGB (2010) e com pós-graduações em “Arte e Produção Cultural no Brasil” pela UVA (2015), “Gestão Cultural” pela UNIFF/LLC (2021), “Docência no Ensino de Teatro” pela Faculdade Iguaçu (2024) e cursando “MBA Executivo em Economia Criativa, Cultura e Inovação” pela UniCesumar, iniciou a carreira artística como ator ainda criança. Começou a experimentar as funções de diretor de teatro e roteirista na adolescência. Atuou em alguns produtos televisivos e no filme “Entre Santos”, parte integrante da minissérie ‘Cinco Vezes Machado’ (que homenageou o centenário de Machado de Assis pela GloboSAT). É proprietário da RH Soluções Artísticas, empresa que trabalha com produtos de teatro, música e literatura, sendo detentora das marcas registradas

Grupo Cênico Estudarte® (com o qual já produziu diversos espetáculos e festivais de teatro) e As Sublimes®, famoso grupo musical feminino na década de 90, que entrou em nova formação em 2024, composto por cantoras do Sul-Fluminense. Produziu a primeira temporada do festival de artes integradas “ReVolta Com Poesia” (2019), apresentado por Regina Vilarinhos; várias temporadas do “Pequenas Leituras” (com o Estudarte); “Noites de autógrafos” (dedicado a lançamentos e relançamentos de livros) e o premiado “Show D’Elas”, homenageando divas nacionais e internacionais da música, além de eventos em parceria com a OAB/VR. Em 2021 foi eleito para a cadeira 36 da Academia Volta-redondense de Letras. Já em 2023 voltou aos palcos como ator protagonizando a turnê do espetáculo “A Última Carta” e no ano seguinte também se apresentando com o espetáculo “Pelos Luzes das Lamparinas”. Possui uma Moção de Congratulações pelo SATED (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões) em 2006 e os prêmios World Actors 2000, Olho Vivo 2008 (Grupo de Teatro), Olho Vivo 2009 (Diretor), Olho Vivo 2019 (Espetáculo teatral por “Mulheres Desesperadas”), Olho Vivo 2023 (Ator por Júri Popular e Espetáculo por “A Última Carta”) e Olho Vivo 2024 nas categorias Empreendedorismo (por Júri Popular) e Show (em júri técnico pelo “Show D’Elas”). Possui a Oficina de Atores Estudarte, instalada no Teatro Gacemss, preparando elencos. É filiado à ABRAMUS (Associação Brasileira de Música e Artes) desde 2018. Foi professor-embaixador do Festival das Escolas Coca-Cola em 2015.

Silvia Helena Xándy

Poeta, escritora e ativista cultural. Cursou a Faculdade de Ciências Administrativas de Barra Mansa – UBM / Licenciada em Letras - Português e Literatura Brasileira – UBM. Obras da autora: Natal Cósmico – Infantojuvenil / Amor nas Alturas- romance /Roteiro Poético - Poesias /Cartilha Poética - Poesias/ Diário de Criança – Infantojuvenil. É filiada a diversas agremiações e Academias de Letras da região. Como ativista cultural trabalhou em prol do Glan - Grêmio Literário de Autores Novos-Volta Redonda.

Thalita Wutke

Nascida em Volta Redonda, Thalita Wutke é apaixonada pela vida e por estudar. Graduiu-se em engenharia, alcançando também os títulos de pós-graduação e mestrado. Contudo, apenas isso não foi o suficiente, mergulhou fundo em novos mundos para compreender melhor o ser humano e sua saúde, o que resultou na especialização em mais de 30 terapias diferentes, além de Coach, Mentoria, Inteligência Emocional, Física Quântica, Metafísica da Saúde, Biorressonância Quântica, culminando em Terapia Quântica e Terapia Ortomolecular, que é como atua profissionalmente há mais de 5 anos.



2005-2025
Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br